



A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

Rafael Vicente Gavioli Tomazini¹, William Lacy Lane², Jonas Silva Faria³

RESUMO: A abordagem de assuntos relacionados aos idiomas originais da Bíblia geralmente despertam certa aversão para os que se envolvem com as Escrituras Sagradas. Considerando a Bíblia como única regra de fé e prática dos cristãos, é inegociável a prioridade de um estudo aprofundado de seus escritos, principalmente na formação de teólogos. Portanto, o presente trabalho busca levantar questões que contribuam com as atividades educativas nas igrejas e conscientizem todos os envolvidos na área teológica a respeito da importância do estudo dos idiomas originais da Bíblia, grego e hebraico, para o enriquecimento da compreensão bíblica bem como sua correta disseminação.

PALAVRAS-CHAVE: Exegese; grego; hebraico; línguas originais; teologia.

1 INTRODUÇÃO

O empenho que deveria ser aplicado na interpretação apropriada de um texto bíblico, ou a simples verificação de uma palavra em seu sentido original, na maioria das vezes tem feito com que importância do conhecimento dos idiomas originais da Bíblia seja colocada à margem da prática teológica. As "linhas" que compõem a teologia brasileira passam por um momento de fragilidade, como consta no alerta de Sayão (2012). O autor aponta para a necessidade dos conhecimentos históricos, filosóficos, exegéticos e também dos idiomas originais da Bíblia para que realmente seja produzida teologia de qualidade quando o que se tem observado é a ocorrência de teologias "malfeitas". Em entrevista concedida à revista Liderança Hoje, Luiz Sayão aponta para os perigos e danos que podem ocorrer no exercício teológico sem a devida abordagem às línguas originais da Bíblia:

O grande problema é a manipulação do texto, pois a falta de informação técnica e objetiva é substituída por ideias próprias e o texto acaba servindo a outros propósitos que não os do autor [...]. O grande perigo da atitude de rejeitar a pregação com fundamentação exegética é que pomos o texto bíblico em segundo plano.

Consequentemente, o pregador será refém de sua visão subjetiva (ZÁGARI, 2013, p.19).

A abordagem de assuntos relacionados aos idiomas originais geralmente desperta certa resistência para os que se envolvem com as Escrituras Sagradas, mesmo entre seminaristas, acadêmicos e professores. "Para alguns cristãos, ouvir referências ao grego ou ao hebraico pode ser bastante intimidador" (KAISER; SILVA, 2002, p.46). A conclusão dos autores levanta uma questão de grande dificuldade na atualidade, o afastamento dos textos originais na interpretação bíblica. Uma advertência antiga aponta para este dilema atual através de Lutero (1995, p.316) "[...] se não houver ninguém que possa julgar se o pregador ou professor ensina corretamente, este pode, muito bem, interpretar a Escritura do começo ao fim como quiser, quer acerte quer erre o sentido".

Krahn (2006) afirma que várias instituições de formação teológica, de maneira equivocada, dedicam pouquíssimo investimento para o estudo das línguas originais bíblicas, uma das justificativas mencionadas é o alto custo aplicado para a constatação de poucos resultados, afinal a maioria dos obreiros não utilizam as línguas nas tarefas cotidianas de seu ministério.

Sob a luz da Reforma Protestante, é indispensável observar a abordagem de Lutero (1995), que considera a Teologia como uma ciência dependente do conhecimento linguístico. Referindo-se aos pregadores que não possuem tal conhecimento, o reformador os descreve como indivíduos que não abordam a Escritura de maneira sólida e confiável. Krahn (2006, p.9) diz que, de acordo com as conclusões de Lutero, por meio das quais ele abordou as Escrituras, a própria fundamentação do movimento protestante estaria utilizando as línguas originais para a interpretação bíblica.

Neste sentido, Silva (2007, p.14) afirma que "Na verdade, sempre se perde algo quando se traduz de uma língua para outra, ainda mais quando se trata de textos antigos". O autor aponta para a "ingenuidade" existente de considerar as traduções bíblicas como uma fiel representação dos textos originais em sua perfeita substituição. Critica também o conceito do senso comum a respeito das diferentes traduções, que teoricamente, apresentariam sempre o mesmo conteúdo citado em palavras diferentes. Para o autor, mesmo as simples diferenças já indicam que os textos não estão dizendo a mesma coisa.

¹ Acadêmico do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Maringá-PR. rafatom83@gmail.com

² Docente do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Maringá-PR. Orientador. revlane@gmail.com

³ Coordenador do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Co-Orientador. jonas.faria@unicesumar.edu.br



Quanto à utilização das Bíblias em português, Lopes (2004) afirma que, mesmo que possamos ler com confiança a Bíblia na língua portuguesa, é necessário reconhecer que em muitos casos os tradutores precisaram tomar decisões relacionadas com a melhor maneira de expressar um determinado termo ou expressão, decisões que, não sendo inspiradas por Deus, nem sempre se mostram corretas ou mais adequadas.

Diante de tais observações, o presente estudo busca abordar elementos e argumentos, que apoiem e apresentem o caráter indispensável da abordagem dos idiomas originais da Bíblia nas diversas áreas de seu alcance, inclusive buscando enfatizar este enfoque como uma forma de preservação, conforme o pensamento de Lutero (1995, p.311) "[...] embora o Evangelho tenha vindo a nós exclusivamente pelo Espírito Santo e ainda venha diariamente, isso aconteceu por intermédio da linguagem e através dela se desenvolveu; e por meio dela também há de ser preservado". Somando a importância indispensável da compreensão textual bíblica para o fazer teológico e eclesial, é natural considerar que o estudo das línguas originais bíblicas deve ocupar um espaço de grande importância entre as disciplinas de formação dos teólogos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa se configura como bibliográfica, conforme Lakatos e Marconi (2003). Foi escolhido o tema "línguas originais da Bíblia" por conta de sua presença constante e influência e na área teológica, visando dar destaque à importância de sua abordagem dentro da formação de teólogos. A observação da baixa popularidade deste tema entre os estudantes e até mesmo entre alguns professores reflete uma aversão generalizada no campo prático da teologia, certamente por estar entre as funções mais trabalhosas do teólogo.

Forma procuradas obras relacionadas com a temática (livros, revistas e artigos), através de sites de busca pela internet, biblioteca da Universidade, acervo pessoal e de terceiros. As pesquisas foram realizadas por autor, títulos, recomendações do orientador, referências indicadas em artigos e etc. O levantamento das informações concernentes ao tema foi efetuado através dos sumários, índices, resumos e referências constantes em artigos.

Os conteúdos identificados com a pesquisa foram compilados e logo após, foram fichados e transcritos. A partir do material compilado, foi efetuada a análise, a interpretação e a classificação dos conteúdos, de forma que os materiais selecionados formaram a base para a redação do artigo. Foi selecionado também um texto bíblico problemático como exposição prática dos princípios e argumentos apontados no artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 HISTÓRICO E PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

3.1.1 hebraico

De acordo com Francisco (2012) o hebraico é idioma componente do grupo noroeste de uma família de línguas semíticas, cuja formação provavelmente se deu a partir da ocupação hebraica em Canaã. O confronto com o idioma local semitocananeu, gradativamente resultou em uma mescla cujo produto teria sido então a língua hebraica. De acordo com Fischer (2004), de todo o texto do Antigo Testamento, apenas algumas pequenas seções não foram escritas em hebraico, e sim em aramaico, sendo elas, Jeremias 10.11; Daniel 2.4 - 7.28; Esdras 4.8-6.18; 7.12-26.

A língua hebraica naturalmente passou por diversas alterações no decorrer de sua história, seu vocabulário se mostra repleto de termos de cunho moral e religioso, marca inegável de uma cultura forjada pela fé. Higounet (2003) chama a atenção para as nuances e a delicadeza da língua hebraica:

"Para que não houvesse confusão na leitura do Antigo Testamento, foi necessário notar com sinais (pontos ou acentos) as vogais, a pronúncia das consoantes e o lugar do acento tônico. O sistema de notação atualmente utilizado (sistema de Tiberíades) remonta ao século VIII [...], algumas letras têm a particularidade de ser dilatáveis para evitar cortar palavras no fim das linhas, outras têm formas finais diferentes das formas iniciais ou médias. As letras também são utilizadas como sinais numéricos" (HIGOUNET, 2003, p.74).

Para Krahn (2004), estudar a língua hebraica torna possível hoje o conhecimento do relacionamento entre Deus e seu povo, ampliando inclusive a própria expressão do pesquisador atual, levando também ao conhecimento do contexto cultural e do modo de pensar da época e da região. Francisco (2012), afirma que através do texto hebraico é possível a percepção das peculiaridades textuais do Antigo Testamento, bem como examinar criticamente as variadas versões bíblicas do texto hebraico e conhecer expressões importantes para estudos teológicos e linguísticos.



3.1.2 grego

De acordo com Lasor (2000, p.1) "O grego é o idioma falado pelos gregos que se auto denominavam "helenos" e, ao seu idioma, "helênico". Eles habitavam a região atualmente conhecida como Grécia". Para Angus (2003), o dialeto inicial foi o chamado dórico, a fala jônica veio a seguir, enquanto o dialeto ático surgiu como intermediário entre os demais, conhecido posteriormente como grego clássico, é o dialeto que formou a base do grego *coiné* (comum) ou "helenístico", que se trata do idioma no qual foi escrito o Novo Testamento.

De acordo com Wallace (2009), o grego *coiné* tem origem ligada às conquistas militares de Alexandre, o Grande, mais precisamente na aliança tribal decorrente de seu domínio, quando houve então uma mescla de diversos dialetos regionais, que, segundo Angus (2003) combinaram-se no dialeto comum helênico. Wallace (2009) afirma que o termo *coiné* carrega em si o valor sinonímico de "comum" e ocupou a posição de língua universal até o final do primeiro século. O grego-helenístico possui na verdade muitas propriedades hebraicas, e assim como a língua semítica, o sistema verbal do grego neotestamentário apresenta profundidade em sua ação verbal, uma característica que destaca de forma especial a mensagem do Evangelho.

3.2 A NECESSIDADE ATUAL DO ESTUDO DOS TEXTOS ORIGINAIS DA BÍBLIA

A importância do estudo de textos originais na atualidade não deve ser subestimada. Embora muitas escolas teológicas estejam dando menor atenção ao estudo das línguas originais da bíblia, há quem defenda a necessidade delas para a formação de obreiros e teólogos. Krahn defende:

Hoje, mais do que em épocas passadas, é necessário que obreiros tenham um embasamento firme da sua teologia, pois estamos cada vez mais rodeados de religiões, seitas, crenças que questionam valores e conceitos tradicionais. Para podermos dialogar inteligentemente com pensamentos e maneiras diferentes de expressar a fé, é necessário ter conhecimento e convicção (KRAHN, 2006, p.19).

A observação supracitada aponta para uma problemática real e presente, a saber, teologias firmadas em bases duvidosas, que utilizam as Escrituras através de abordagens interpretativas distorcidas, situação esta que rebusca uma antiga observação, a diferença entre pregadores superficiais e expositores profundos das Escrituras, conforme citação a seguir:

"Um simples pregador dispõe (é verdade), com base em traduções, de suficientes enunciados e textos claros para entender e ensinar a Cristo, viver uma vida piedosa e pregar a outros. No entanto, para interpretar a Escritura e tratá-la autonomamente e para combater aqueles que citam a Escritura erroneamente e para isso não tem formação; sem línguas isso não é possível, mas na cristandade sempre se precisa destes profetas que estudam a Escritura e a interpretam e que também sejam aptos para o debate; para tanto não basta uma vida piedosa e o ensino correto" (LUTERO, 1995, p.314).

O ensino dos idiomas originais da Bíblia, conforme o pensamento de Krahn (2004) deve ser aplicado como ferramenta para uma interpretação mais densa, crítica, com maior criatividade e autonomia, buscando um fazer teológico de maior fidelidade e até mesmo uma melhor contextualização. ZAGARI (2013, p.19) relata, "Desconhecer as línguas originais para o pregador e para o teólogo é como um médico que não estudou Anatomia ou como um engenheiro que deixou Cálculo e Geometria de lado. É menosprezar a base", é visível a radical preocupação de Lutero (1995, p. 315-316) a respeito do assunto:

[...] é pecado e vergonha quando não entendemos nosso próprio livro e não conhecemos a linguagem e a palavra de nosso Deus, é pecado e prejuízo ainda maior quando não estudamos as línguas, ainda mais quando agora Deus nos oferece pessoas e livros e todos os recursos auxiliares [para o estudo das línguas] e nos convida para tanto, querendo que seu livro seja acessível a todos.

De acordo com Angus (2003), existem alguns benefícios que podem apenas ser obtidos exclusivamente através do estudo dos idiomas originais da Bíblia, como a dedução exata de certas palavras, sutilezas particulares de expressões idiomáticas, diferentes graus de significação de sinônimos e sensíveis diferenças nas passagens paralelas. O autor afirma que todos estes elementos podem ficar velados até mesmo nas traduções mais qualificadas. LASOR (2000, p.11) expressa a necessidade desta consciência:

"Quando o autor escreveu, expressou-se de acordo com certas regras gramaticais aceitas, e ele só poderia ser compreendido pelos seus contemporâneos se utilizasse tais regras. Ele só poderia ser compreendido adequadamente por nós se aprendermos e seguirmos as mesmas regras".

Krahn (2004) afirma que através dos idiomas originais, podemos visualizar e entender melhor os passos exegéticos, ajudando o pregador a ser mais autônomo e identificar de forma direta no texto original questões importantes, também prepara o ministro para reconhecer as razões das diferenças entre traduções e até mesmo questionar de maneira inteligente os comentaristas, também provendo maior segurança na interpretação e nos



conceitos do texto, formando uma base sólida pra contextualizações alinhadas com o conteúdo das perícopes bíblicas.

3.3 ANÁLISE BÍBLICA COM O ESTUDO DO TEXTO ORIGINAL (TIAGO 4.4 - 6)

Considerando as definições e os argumentos apresentados, é importante entender como o estudo dos idiomas originais pode na prática conduzir uma interpretação mais adequada das Escrituras, para tanto, será demonstrada uma simples análise de uma perícopa bíblica. O texto selecionado abrange os versículos 4, 5 e 6 do capítulo 4º da epístola de Tiago, um livro do Novo Testamento e conseqüentemente redigido originalmente em grego, abaixo, segue o texto em algumas traduções bíblicas diferentes:

Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou pensais que em vão diz a escritura: O Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme? Todavia, dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos; dá, porém, graça aos humildes (Tiago, capítulo 4, versículos 4-6. Tradução de João Ferreira de Almeida).

Vocês são semelhantes a uma esposa infiel que ama os inimigos do marido. Vocês não percebem que fazer amigos entre os inimigos de Deus - os prazeres pecaminosos deste mundo - torna vocês inimigos de Deus? Eu volto a dizer que se o objetivo de vocês é desfrutar o prazer pecaminoso do mundo perdido, vocês não podem ser também amigos de Deus. Ou que acham vocês que as Escrituras querem dizer quando afirmam que o Espírito Santo, que Deus pôs em nós, vigia sobre nós com terno ciúme? Mas Ele nos dá cada vez mais forças para resistir a todos esses maus desejos. Como dizem as Escrituras, Deus dá força ao humilde, mas Se opõe ao orgulhoso e ao arrogante (Tiago, capítulo 4, versículos 4-6. Nova Bíblia Viva).

Adúlteros, não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Assim, todo aquele que quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus. Ou julgais que é em vão que a Escritura diz: Ele reclama com ciúme o espírito que pôs dentro de nós. Mas ele nos dá uma graça maior, conforme diz a Escritura: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (Tiago, capítulo 4, versículos 4-6. Bíblia de Jerusalém).

Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus. Ou vocês acham que é sem razão que a Escritura diz que o Espírito que ele fez habitar em nós tem fortes ciúmes? Mas ele nos concede graça maior. Por isso diz a Escritura: "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes" (Tiago, capítulo 4, versículos 4-6. Nova Versão Internacional).

Gente infiel! Será que vocês não sabem que ser amigo do mundo é ser inimigo de Deus? Quem quiser ser amigo do mundo se torna inimigo de Deus. Não pensem que não quer dizer nada esta passagem das Escrituras Sagradas: "O espírito que Deus pôs em nós está cheio de desejos violentos." Porém a bondade que Deus mostra é ainda mais forte, pois as Escrituras Sagradas dizem: "Deus é contra os orgulhosos, mas é bondoso com os humildes" (Tiago, capítulo 4, versículos 4-6. Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

μοιχὶ καὶ μοιχαλίδες, οὐκ οἶδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ Θεοῦ ἐστίν; ὃς ἂν οὖν βουλευθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ Θεοῦ καθίσταται. ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφή λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκησεν ἐν ἡμῖν; μείζονα δὲ δίδωσι χάριν· διὸ λέγει· ὁ Θεὸς ὑπερηφάνοις ἀντιπάσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσι χάριν (OLIVETTI; GOMES, 2008, p. 854-855).

A intertextualidade citada em Tiago 4.5 é considerada por Angus (2003) como uma citação cuja origem não foi identificada, bem como Lopes (2006) que aponta para a ausência de uma passagem Bíblia veterotestamentária que seja similar à menção realizada pelo autor da epístola, o que caracteriza este texto como problemático. Alguns autores também apontam para "dificuldades bem conhecidas na tradução deste versículo" (COENEN e BROWN, 2000, p. 1032) e para diversas "questões exegéticas que tornam difíceis sua interpretação e sua tradução" (Lopes, 2006, p.126).

Nesta análise, serão considerados três termos chaves, os quais, como se observa, são traduzidos diferentemente pelas versões. São as expressões, *μοιχὶ καὶ μοιχαλίδες*, traduzido como "Adúlteros", "Infiéis", "Gente infiel" e "esposa infiel"; *φθόνον*, traduzido como "ciúme" e "desejos violentos"; *πνεῦμα*, traduzido como "Espírito", "Espírito Santo" e "espírito".

A acusação de adultério é apresentada pelo autor dentro de um contexto que envolve a constatação de cobiça, inveja e contendas, conseqüências das próprias volúpias e paixões pessoais, ou o "amor ao mundo". O autor da epístola aponta para a ação de pessoas já batizadas, a quem ele se refere como "irmãos", que estariam cometendo um adultério espiritual contra Deus (*μοιχὶ καὶ μοιχαλίδες* - adúlteros e adúlteras) por conta de suas paixões.



Um ponto controverso certamente é a identificação do espírito mencionado na passagem, comumente traduzido com letra inicial maiúscula, indicando o Espírito Santo de Deus, é importante observar que "na língua grega não se começavam palavras com maiúsculas para identificá-las como nome próprio ou referência à divindade" (Lopes, 2006, p.126), desta forma, é tão possível quanto provável que o texto se refira na verdade a um espírito humano.

Uma observação voltada ao estudo do texto grego logo pode gerar um profundo questionamento, não apenas no sentido de qual seria o espírito em questão na perícopa, mas também se realmente o termo "ciúme" (constante na maior parte das traduções para o português), se enquadra corretamente na referência. As informações a seguir apontam para as ocorrências contextuais e o significado do termo mais problemático do texto, a saber, a palavra *φθόνον*:

φθονέω (phthoneo) - "ser invejoso"; *φθόνος* (phthonos) - "inveja". No Gr. secular, phthoneo pode significar "ter má vontade" de natureza geral, mas emprega-se mais especificamente para a "inveja" que se faz com alguém que tenha ressentimento contra outra pessoa por ter algo que ele mesmo deseja, sem porém, possuí-lo. O sub. phthonos se emprega de modo semelhante [...] No NT, phthoneo se acha uma só vez (Em Gl 5.26, onde "tendo inveja uns dos outros" se coloca em nítido contraste com o "viver no Espírito"). phthonos ocorre nove vezes, ao todo: (a) Nas Epístolas, aparece em várias listas de qualidade más que caracterizam a vida não redimida. É uma das "obras da carne" que se opõem ao "fruto do espírito" em Gl 5:19-24. Demarca aqueles que Deus entregou a uma "disposição mental reprovável" (adokimon noun, Rm 1:29). É um aspecto da vida antes da conversão (Tt 3:3), a ser "despojado", por aqueles que "crescem para a salvação" (1 Pe 2:2) [...]. A frase *dia phthonon*, "por causa da inveja", descreve os motivos malignos daqueles que entregaram Jesus a Pôncio Pilatos (Mc 15.10 par.). A mesma expressão reaparece em Fp1:15 (juntamente com *eris*, "contenda", e em contraste com *eudokia*, "boa vontade") [...]. É possível que Tg ofereça o único exemplo de pthonos no bom sentido, embora haja dificuldades bem conhecidas na tradução deste versículo [...] A descrição de Deus como o amante ciumento que não pode tolerar um rival é destacada no AT, mas a palavra que se emprega para traduzir o Heb. *qin'âh* neste contexto é zelo, e não phthonos (Cf Zc 1:14). Assim, NEB (New English Bible) (e.g.) prefere considerar o espírito (humano) como sujeito da frase em Tg, dando a pthonos seu mau sentido usual de "inveja": "o espírito que Deus colocou no homem se volta para desejos invejosos" (COENEN e BROWN, 2000, p. 1031 e 1032).

Sob a "luz" das significações e das aplicações do termo grego, é possível obter uma compreensão divergente em relação à maioria das traduções para a língua portuguesa, no caso, a afirmação do hipotético "ciúme" divino. Apesar do termo frequentemente ser entendido pelos tradutores como uma expressão ciumenta de Deus ao povo que Ele ama, podemos perceber que esta seria a única ocorrência em toda a Bíblia onde esta expressão seria utilizada indicando um pensamento bom, contrastando com todas as demais ocorrências como pôde ser observado no trecho supracitado.

Dadas as considerações, a única possibilidade de que o termo em questão fosse aplicado a algo bom e divino, como se referisse ao Espírito Santo de Deus, seria a existência de um contexto que apontasse deliberadamente para tal situação, no entanto, através da observação de Lopes (2006), fica evidente que este não é o caso, o autor portanto opta pela tradução constante na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, onde o termo *φθόνον* foi traduzido como "desejos violentos", conforme as argumentações a seguir:

Torna clara a relação deste versículo com o anterior. Ao amarem o mundo e se tornarem inimigos de Deus (4.4), os cristãos estavam esquecidos da efetividade e da seriedade daquilo que a Bíblia afirma quanto à natureza humana, cheia de desejos violentos e propensa à inimizade com Deus. Não é em vão que a Escritura nos alerta sobre as corrupções de nosso coração, que podem nos colocar numa atitude de inimizade contra Deus [...]. Torna compreensível a relação desse versículo com o próximo. Enquanto 4.5 afirma que o espírito humano é agitado por violentos desejos pecaminosos, o versículo seguinte declara que Deus, contudo, dá uma graça maior do que esses desejos aos que humildemente o buscam para libertação [...]. Seguindo essa linha de interpretação, aqui temos Tiago repreendendo seus leitores por não levarem a sério o ensino bíblico sobre as paixões do espírito humano: *Ou supondes que em vão afirma a Escritura?* Todo o que a Palavra de Deus afirma sobre a real situação do homem deve ser levado a sério [...]. O espírito humano, após a entrada do pecado, "está cheio de desejos violentos" (LOPES, 2006, p.127-128).

Além dos significados e da excelente argumentação supracitada, é possível ainda considerar a afirmação de Silva (2000), de que toda tradução já é uma interpretação, verificando a expressão inicial do versículo 4, observa-se a expressão já citada "*μοιχι και μοιχαλίδες*" possivelmente tenha conduzido a maior parte dos tradutores a associar um termo aparentemente deslocado em sua relação com o *πνεῦμα* (espírito), como um



sentimento de ciúme em relação a uma traição. Portanto, é oportuno assentir com a conclusão apresentada e neste caso, propõe-se a concordância com a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, entendendo de maneira mais adequada as nuances to texto original.

4 CONCLUSÃO

O estudo da Bíblia em seus idiomas originais certamente acrescenta uma visão maior e mais viva do contexto e da mensagem presentes nos textos bíblicos. Assim, por menor que seja o entendimento deste aprendizado, as relações começam a se estabelecer de forma mais natural. A importância do estudo dos idiomas originais da Bíblia pode ser muito bem observado na obra de Lutero (1995, p. 312):

Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são as bainhas da espada do Espírito. São o cofre no qual se guarda essa preciosidade. Elas são o vaso que contém esta bebida. São a despensa em que está guardado esse alimento.

Atualmente, muitos pregadores falam o que querem sem dar atenção para o texto original, conforme observa Zágari (2013). O alerta é lançado para apontar o risco de se pronunciar informações em nome das Escrituras, e no entanto, totalmente desalinhadas com seu texto, por vezes gerando heresias, interpretações sem reflexão, pragmatismos ou até mesmo manipulações. A maioria pode pensar que o trabalho exaustivo de preparar uma exposição baseada nas línguas originais não seria viável no trabalho ministerial, entretanto, o tempo e o esforço investidos em um estudo dos idiomas originais pode levar o pesquisador a produzir materiais com potencial de fomentar diversas exposições e estudos. Sem esta aproximação, a tendência é que os estudiosos sejam cada vez mais dependentes de material externo ou até mesmo estrangeiro, de forma que as opiniões teológicas não recebam nada de novo. Os próprios teólogos em suas reflexões seriam impessoais, repetidores de idéias terceirizadas e já interpretadas previamente por outros autores.

Mesmo um estudo superficial já pode constatar que mesmo a mais afanosa tradução bíblica para a língua portuguesa não consegue trazer em si os elementos culturais e sentidos regionais que cada palavra em sua língua original transporta em si, este conceito é muito bem descrito por SILVA (2000, p. 146) "[...] quanto mais profundo foi o nosso conhecimento das gramáticas do grego e do hebraico, tanto mais facilmente podemos identificar as questões que devemos tratar". O autor avalia que "Nenhuma tradução substitui o original", portanto, entende-se que as línguas em si não apenas contém palavras diferentes, são também manifestação da cultura e da identidade de seu povo.

É preciso que se busque fidelidade em relação ao texto sagrado, para tanto, é necessário um conhecimento que seja suficiente para a correta compreensão da mensagem bíblica, visando a capacitação de profundos educadores e competentes pregadores, que produzam pensamento teológico de qualidade para a Igreja de Cristo. Faz-se portanto necessário, que haja nos meios teológico, eclesiástico e acadêmico, o desenvolvimento de formadores de opinião que venham exercer sua influência sobre as igrejas, que muitas vezes não possuem um bom preparo na interpretação das Escrituras, desta forma, podem ser fortalecidas na fé, na compreensão de sua própria identidade como cristãs em um mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

ANGUS, Joseph. **História, Doutrina e Interpretação da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

FISCHER, Alexander A. **O texto do Antigo Testamento**: Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português- Volume 1 - Pentateuco**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.



HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KAISER JR. Walter; SILVA. Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

KRAHN, Marie Ann Wangen. **Ensino e aprendizagem do hebraico: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de PósGraduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, 2004. São Leopoldo, 2004.

KRAHN, Marie Ann Wangen. O estudo das línguas bíblicas: descartável ou essencial? **Revista Estudos Teológicos**: Revista da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 7-21, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes** - uma breve história da interpretação. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando a Carta de Tiago**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. v.5. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995.

OLIVETTI, Odayr. GOMES, Paulo S. **Novo testamento interlinear analítico Grego-Português** - texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

SAYÃO, Luiz A. T. **Agora sim!** teologia na prática do começo ao fim. São Paulo: Hagnos, 2012.

SILVA, Cássio M. D. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SILVA, Cássio M. D. (Org). **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

ZÁGARI, Maurício. Pregar não é para qualquer um. **Revista Liderança Hoje**, Niterói, n. 4, p. 18 - 21, 2013.